

postura performativa e *máquina de guerra*:
ensino como ensaio e ensaio como ensino

rafael carvalho







**postura performativa e *máquina de guerra*:
ensino como ensaio e ensaio como ensino**

rafael carvalho



**Para Maria, para Manoel
Para minhas Irmãs e sobrinha
Para meus Irmãos e sobrinhos
Ao Coração Negro – ARS**



agradecimentos

Aos familiares pelo imenso amor de sempre - desde sempre - com quem aprendi a cuidar, amar, armar, ler e escrever, ouvir música e colher no quintal a fruta da vez.

Aos professores e professoras do PPG-Artes pela partilha e ampliação - um especial agradecimento para Lourdes Macena. Aos professores Albio Moreira Sales, Maximiano Arruda e Ada Kroef pelas valiosas considerações na banca.

Agradeço: Anelise - sobretudo pelos livros e artigos trocados; Paulinha; Gleydson; Gilberto Machado; Marcos Lopes; Charles Vale; Adriano Moraes; Chico Fontela, Uirá dos Reis pela parceria direta neste livro. De algum modo vocês estão nestas páginas, e, no tempo - vocês são aumentação de mundo.



para pesquisar



apresentação

Este Livro de Artista é parte da Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) - Campus Fortaleza.

As imagens contidas neste livro foram produzidas entre 2011-2019 em contexto de oficinas no Pibid - Artes Visuais do IFCE, aulas ministradas na Escola de Ensino Fundamental e Médio Ubirajara Índio do Ceará - UV-7, e, no Curso de Licenciatura em Artes Visuais CLAV - do IFCE.

Elogio para uma *máquina de guerra*

Aqui apresentamos imagens, rotas, dobras e mapas. Agora queremos uma linha de fuga como uma variação, uma valise. Um ensaio aberto que em rizoma opera em máquina e em ato de criação - Lembremos o que nos falam Deleuze & Guattari (2015, Pág. 13) “Uma regra de gramática é um marcador de poder, antes de ser um marcador sintático”.

Usamos conceitos como ferramentas que nos fizeram experimentar possíveis dentre os possíveis. Chegamos aqui. Não como uma parada final, e dizemos que escrevemos em elogio. Dizemos elogio não pelo louvor, não em seu modo romântico - como se quase tivesse escapado a palavra da língua de Goethe e em sua palavra -, idealista, embebedor de formol nas fórmulas mortas. Nem apenas louvor ao que nos dizem Deleuze & Guattari (2012) acerca da máquina de guerra. Tratamos aqui de um uivo. Dizemos elogio para uma máquina de guerra no agenciamento dos possíveis, do corpo implicado e na função aqui posta em pesquisa(r). Assim tomamos duas imagens do pensamento em D & G (2012) de empréstimo, e, estas forças visíveis em composições ressoam como as imagens do pensamento: uma apresenta o modelo arbóreo e, do outro exemplo em imagem temos o rizoma.

O pensamento rizomático é não hierárquico, é criador de e apresenta direções e intensidades diferentes. Não apresenta formulações fechadas, menos ainda fórmulas. Por sua abertura é um sistema aberto apto a montar cadeias, podemos dizer que é pensamento não acabado que busca realizar ressonâncias. Pesquisar como ato ressonância, de criação, não apenas investigar e coletar, mas, construir no campo oscilações e abismos. Construir no território escavações e abalos.

Elogiamos a máquina de guerra em sua operação conceitual transgressora que nos apresenta em sua força indisciplinar, incontível e incontrolável a visão ou a sensação do que chamamos arte. Ainda que o processo do fazer do artista seja caótico não é do caos que se trata. Mas a força expressiva do caos instaurado nesta composição. Para cada um de nós artistas - existe um modo e métodos que variam para cada artista, que é um composto que opera em perceptos e afectos (DELEUZE&GUATTARI,2000). A obra de arte existe em si - é sensação.

...

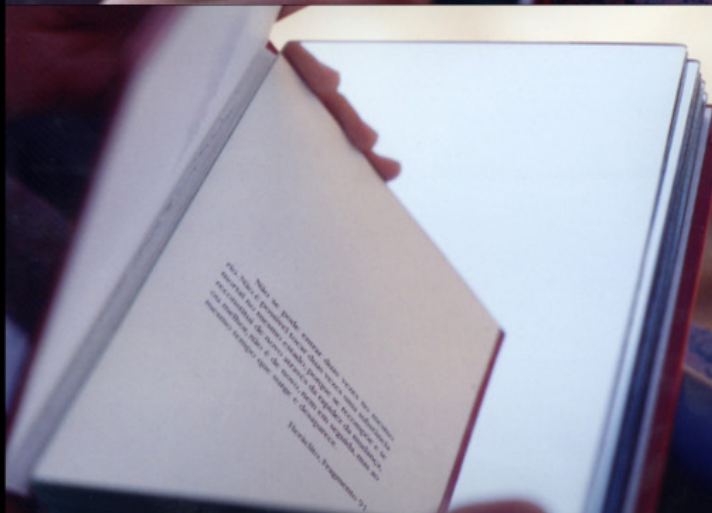
MEU TRABALHO É
 PROVOCAÇÃO. NÃO, NÃO É
 TALVEZ, SEJA.

CORPO ~~←~~ E TENSÃO. FORÇA
 FRAGILIDADE FIXAÇÃO → MOVIMENTO
 PROXIMIDADE → ESTRANHAMENTO
 REVELAÇÃO ↔ RESERVA
 TECIDO → LINHA DUREZA

O MOVIMENTO É
 PROVOCAÇÃO

TEC





*A observação da sensação colorante,
como nos diz Cézanne,
desloca e reorganiza mesmo em desvio.*

Para um elogio da máquina de guerra é necessário dizer que atenção se apresenta transversal, desviante (delirante) uma vez considerando a cartografia como um antimétodo que desestabiliza. Se o objeto de pesquisa está em movimento seu laboratório é não-hermético - nem fechado, nem seguro.

Fluxo em processo - Virgínia Kastrup (2012) nos fala do método da cartografia e das pistas; suas estratégias e procedimentos que no território experimentados em transversalidade. Carne encarnada. Movimento dentro do movimento. Carne por dentro do osso como uma vibração. Desejo vibrátil.

Armar no campo com estes movimentos emergentes que se apresentam na abertura anti-metodológica, o desvio epistêmico inseguro. Movimento atencional bordejante e perfurador - cavar no território sua desterritorialização. Do chão da sala queremos o seu encontro e seu impossível; um buraco na sala de aula como um território existencial. Não como um ruído, mas, como uma indisciplina. Explicamos: o impossível não como uma ideia universal e romântica. Apontamos ao exercício poético da escrita como quem a enraba, como quem enraba a escrita funcionalizada, como quem enraba e nos colocamos nessa expressão desordenada em que se quer dessa gramaticidade o que é agramatical. Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas (DELEUZE, 1992, p.219). Assim dizemos com letra d'água, incontível como o fogo, cria com o caos, uma movimentação e performa em qualquer tipo de espaço e territorialidade. Performatividade como

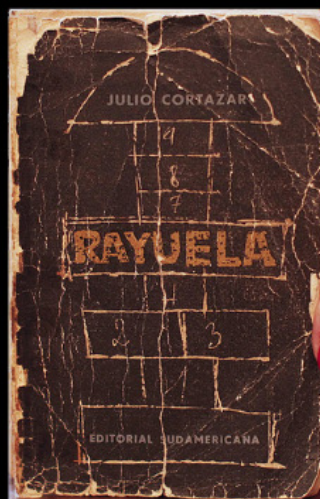
força e movimento oscilatório. Corpo em vibração e uma ideia louca que escapa aos radares do senso comum e do bom senso. Escapa aos olhos da “moral e dos bons costumes” do cidadão de bem.

Elogio ao poema, ou poema ao elogio

A opinião é a anticriação
a dualidade - esta frágil estratégia que não se
mostra além do tapete roto da moral
são núpcias: forja em fraqueza e aniquilação
representação de um dia
falta verve e de vontade de vida
falta de seiva típica do lugar calmo
e bem guardado pela cerca costumeira
pelos que defendem a ferrugem das propriedades
privadas

com a boca no caos e nas coxas do mar
lamber a cria e a criação
como um desvio em silêncio que desenha
um poema
ou na música indançável que se alastra na cama
do casal de gente
que inventa dentro da invenção
território do *selbest* de Nietzsche como este uivo
em pele
como esta máquina-artista de conexão viva
em desejo

desejo desenhante
desenho desejante



Toco a tua boca, com um dedo toco o contorno da tua boca, vou desenhando essa boca como se estivesse saindo da minha mão, como se pela primeira vez a tua boca se entreabrisse e basta-me fechar os olhos para desfazer tudo e recomeçar. Faço nascer, de cada vez, a boca que desejo, a boca que a minha mão escolheu e te desenha no rosto, uma boca eleita entre todas, com soberana liberdade eleita por mim para desenhá-la com minha mão em teu rosto e que por um acaso, que não procuro compreender, coincide exatamente com a tua boca que sorri debaixo daquela que a minha mão te desenha.

Tu me olhas, de perto tu me olhas, cada vez mais de perto e, então, brincamos de cíclope, olhamo-nos cada vez mais de perto e nossos olhos se tornam maiores, aproximam-se, sobrepõem-se e os cíclopes se olham, respirando indistintas, as bocas encontram-se e lutam debilmente, mordendo-se com os lábios, apoiando ligeiramente a língua nos dentes, brincando nas suas cavernas, onde um ar pesado vai e vem com um perfume antigo e um grande silêncio. Então, as minhas mãos procuram afogar-se nos teus cabelos, acariciar lentamente a profundidade do teu cabelo enquanto nos beijamos como se tivéssemos a boca cheia de flores ou de peixes, de movimentos vivos, de fragrância obscura. E, se nos mordemos, a dor é doce; e, se nos afogamos num breve e terrível absorver simultâneo de fôlego, essa instantânea morte é bela. E já existe uma só saliva e um só sabor de fruta madura, e eu te sinto tremular contra mim, como uma lua na água.

(-8)



função acontecimental da barriga gelando
quando se salta - hic rhodes hic salta!
como a pele tocada pela luz da hora mais azul
o poema elogia o que se coloca na contraordem
na palavra de ordem e na gramática normativadora
o elogio da máquina de guerra
quer da gramática o agramatical
do modo que da figura deseja o figural

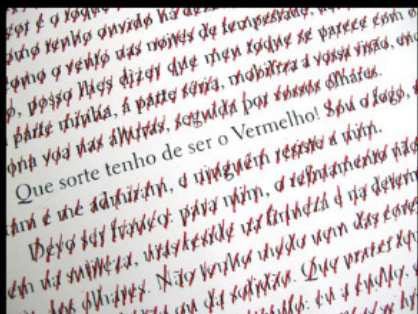
—

Para elogiar a máquina de guerra é preciso fazer ruir o compasso temporal. Erigir descompasso com o próprio tempo. Desequilibrar o contemporâneo em ruminação extemporânea como quem acompanha a nuvem não histórica que faz chover sobre a história. *** Produzir saídas-entradas de dedos nos livros espalhados pela casa, jantar de aplicativo e música sem idade - produzir demora. Fazer canção, fazer desenho, fazer leitura, fazer chover como quem faz imagem com amor. Antipressa que se faz urgente e necessária para pensar a aula como uma movimentação em ensino e em aprendizagem que faça da educação lugar de invenção de afirmação de vida.

Constituir recusa ao estabelecido, sobremaneira em educação quando dizemos sim e dizemos não. Ao longo do texto elencamos conceitos e situações em ensino. Pra isso dizemos máquina de guerra como este modo de articular as fagulhas de fogo - jamais para seu controle. Mas para o ensaio como ensino e ensino como ensaio. Como nessa ação política que de fato é a sala de aula e os modos de ensino.

No desalinhos destas palavras ainda pensamos no elogio da máquina de guerra que cruza o território e com sua lógica nômade, cava na sala de aula o buraco. Este modo de vida, este agenciamento maquínico que opera como uma apresentação, fura a lógica da cópia e da representação pois





SONIC YOUTH
DAYDREAM NATION





...cot é o toque
...omo tenho ouvido há de
...omo o vento nas noites de tempestade,
...o, posso lhes dizer que meu toque se parece com o
...a parte minha, a parte seria, mobiliza a vossa visão, e
...ona voa nas alturas, seguida por vossos olhares.
Que sorte tenho de ser o Vermelho! Sou o fogo,
...tam e me admiram, e ninguém resiste a mim.
Devo ser franco: para mim, o refinamento não
...em na sutileza, mas reside na firmeza e na determ
...os olhares. Não tenho medo nem das cores
...ou da solidão. Que prazer ten
...ulo: eu a enciclo, e

É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas ao contrário da maneira simples com força e sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre $n-1$ (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o uno da multiplicidade a ser constituída; escrevera $n-1$. Um tal sistema poderia ser chamado rizoma. (DELEUZE;GUATTARI, 1995, p. 14-15).

Destas linhas que carregam forças e se expandem em todas as direções com suas linhas que se conectam no meio se coloca ao contrário do arbóreo pois se trata de um rizoma o que importa é o meio, pois, não começa nem acaba.

Do azul do céu montar o vermelho como elogio ao cruzar o território com a máquina de guerra. Ações compostas em montagem, em conexões que se dão pelo meio.

Movimento de abertura transmetodológica; aposta e lançamento com um historiador de abalos sísmicos na arte - Aby Warburg. Com aproximações rizomáticas e distanciamentos do lugar de um pensamento histórico puramente cronológico. Para além do movimento que nos coloca num lugar comum numa relação lógica-evolutiva, numa História da arte do aparelho de Estado. O que nos move com Warburg é sua abertura dinâmica e incapturável. Matéria de produção, não de representação.

Modelo aberto para uma história problemática provocadora e não evocativa de verdades pétreas, classicizantes que carregamem sua tautologia, os reiterados modelos gastos como palavras desbotadas. Em Warburg pensamos a história da arte como este território movediço, o oposto da marmórea ideia dos modelos representativos.

Elogiamos a máquina de guerra em seu ato, não apenas em guerrear. Mas na dança do guerreiro. Imagem de criação com a ensaística de Walter Benjamin, pela nuvem não histórica que aproximamos em encontro, como uma conversa imaginária, como intercessores conceituais que sopram imagens e palavras que fazem explodir. Disparadores. Valise aberta com dinamites. Canção de fogo. Essa discórdância é que nos afia a diferença e nos coloca não em acordo tácito, mas, na criação em ensino contemporâneo de artes visuais. Movimento nômade. Vírus. Estratégias contemporâneas desarticuladoras. Ideia para fazer buraco. Montagem de pequenos desvios. Experimentação com mapas de lugares não só imaginários, mas, atravessados em experimentação estética.

>>>Elogio vermelho para um céu azul.

>>>>>>>>Desretinizar a cor.

Para deixar em aberto - considerações intempestivas

Poderíamos correr os olhos até aqui e dizer com uma verve de vontade de vida, ou, vontade de verdade. Consideramos que a vontade de verdade, de um lugar comum, calmo, parcimonioso e supostamente neutro, não cabe ao nosso modo de pensar o ensino, nem o modo de pensar o pensamento. O fora, o incontível nos toma a língua e nos faz requerer do presente o seu descompasso, na feitura de presente - este único tempo do acontecimento.

Não podemos dizer que temos um fim, ou considerações finais. Consideramos em aberto. Na mesma direção dizemos que o que fazemos é da qualidade de pensar modos expressivos em aberturas metodológicas não mais por imagens, mas, com as mesmas. Entre. Não de forma a pensar como um estatuto fechado, ou, erguer postulados. Ao contrário. Temos não apenas nas relações conceituais aqui levantadas como um exercício bibliográfico. Nos encontramos que vemos o modo e com ele nosso intento.

Afastar do ensino e da aprendizagem o que nos tolhe e amarra. Do mesmo modo o que nos amarga. O ensino voltará à verve criativa, a mesma que canta entre as árvores em conluio com o vento, ou ainda, a força selvagem de 6 cordas de um violão

que nos acordes soam dissonantes. Esta verve se dá em díssono e assim nos faz sentir música.

O óbice ao comum é o que nos alimenta. Carregamos este cantar por entre os dedos, dizem por aí que faremos poesia “eles não suportam poesia” - não somente faremos como nas carnes levaremos como a própria vibração. Da performatividade a sua movência e infixidez, ou sua força que não se deixa definir nem capturar e assim resiste às etiquetas capitalísticas, e, dentro deste movimento, apurar o cheiro que não se prova à toa. Raro e comum. Teimosia desobediente e coragem de fala. Ato afirmativo de vida. Compromisso com a rasura, com o texto inventado. Da barra da bata do mar descoser a linha do vestido para (des)enlinhar cabelos.

Montar com variedade de imagens e de sons e vibrações o que pensamos em deslocamentos em leitura, ou em escrita, ou em desenho, ou neste ato de pesquisa, ou no plano de ação de aulas, ou nos rascunhos de desenhos guardados em valises.

Acreditamos num ensino em artes visuais que possa transpor as barreiras das disciplinas e nesse sentido prima por indisciplinas, por movimentos que não se deixem desmoronar pela fraqueza das bordas de fronteiras, ao contrário. O que ensaiamos com o ensino são os possíveis e suas estratégias de (r) existência. Anagrama feito com a própria vida. Coisa de fogo e música dançada no silêncio - com isto não estamos falando do fracasso de outros modos de pensar o ensino de artes visuais como um elogio

em máquina de guerra, não! Falamos de um modo de vida e de pensar a existência como uma força. Não temos aqui as soluções para o ensino, nossa atitude e movimento em direção as possibilidades de ensino, especialmente aquelas que ainda não foram experimentadas. Não é apenas uma transgressão é caminho em busca de aliar ensino, arte, vida e contemporaneidade.

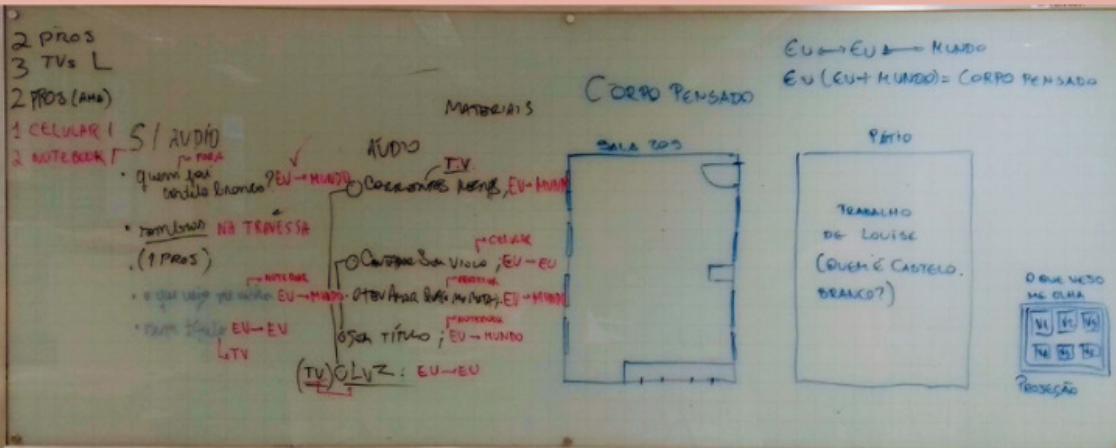
Temos aqui os buracos cavados com as mãos e com os pés, ou, quando ficamos parados e em movimento ao mesmo tempo: a água do mar afunda os pés na areia. O nômade é o que menos se move e a dobra redobra...

O ensino como ensaio nos coloca em travessia. A teoria é uma prática como o ensaio é acerca do ensino, e, pelo meio dele. Realizamos estas montagens como um modo de criar desvios na invenção de uma ensinagem e uma aprendizagem em que a autonomia seja uma tônica, uma verve. Como o é incontível a revolta e a paixão criadora, pois, é preciso no âmbito do cálculo e no aspecto da necessidade nomadizar a educação. Se dizemos estas palavras é pela paixão que temos pelos possíveis.

Essa aparente prolixidade é a necessidade de reafirmar o ensino de arte como criação, e a criação como um ato que precisa subverte ordens já estabelecidas para que possa se impor como força propulsora da realização humana. Ademais, dizemos que o ensino e as relações que promovem as fraturas no pensamento do lugar comum e criam a instabilidade.

de são as músicas que embalam nosso pouco sono. As ideias intranquilas e perigosas. Se dizemos estas palavras é pela paixão que temos pelo ensino.

eu.
(eu+mundo)



montagem

em/com/além

videoperformance

sala 209 bloco didático

20/08/18 14h

